

BASES FILOSÓFICO-EDUCACIONAIS A PARTIR DO PROTÁGORAS DE PLATÃO

Miguel Pereira Neto (1) Carmem Maria da Rocha Fernandes (2); Clécio Danilo Dias da Silva (3); Daniele Bezerra dos Santos (4);

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Programa Integrado de Doutorado em Filosofia (PIDFIL); E-mail: 21seculodefilosofia@gmail.com.

² Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), Programa de Pós-Graduação em Tecnologias Aplicadas à Educação (PPGTAE); E-mail: carmemrocha.fernandes@gmail.com.

³ Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Naturais e Matemática (PPGECNM); E-mail: danilodias18@gmail.com.

⁴ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN); E-mail: daniele.bezerra@ifrn.edu.br

Resumo:

O presente trabalho é uma leitura do diálogo **Protágoras** de Platão com viés de interpretação pedagógica de elementos das teorias de aprendizagem que ele expressa. A via dessas teorias de aprendizagem é a ligação entre a teoria Foucaultiana das subjetividades e do poder, os historiadores que restauraram uma visão de uma sociedade hierarquizada para a política através de seu projeto educacional e, principalmente, a visão do diálogo platônico e dos diversos críticos da sofística para pensar uma educação ética, coerente, democrática e eficaz.

Palavras-chave: Platão; Protágoras; Foucault; Educação; Política.

Introdução

Este trabalho visa pensar os exemplos de teorias de aprendizagem presentes no diálogo Protágoras, explicitando as semelhanças com as teorias atuais, mas principalmente mostrando as divergências de reduzir o modelo do diálogo ao simples ato de convencionar o que está sendo teorizado apenas como teoria de aprendizagem. Estabeleceremos que um educador que contemple a questão filosófica por trás da Paidéia grega do diálogo Protágoras, estará imbuído em outros termos nesse processo: uma teoria do conhecimento, uma teoria política, uma teoria de Ética e um plano de cultura histórica que se distinguem profundamente dos planos atuais.

Entre os gregos Pré-Aristotélicos, é muito difícil se falar em conhecimento especializado, sendo uma prerrogativa mais clara somente após René Descartes e a construção do método cartesiano. De fato, o próprio processo de educação do jovem era algo que anexasse as mais diversas esferas de sua vida harmoniosamente, portanto uma coisa não definida. O projeto de educação grega está definido, desde Werner Jaeger em Paidéia e depois com Bruno Snell como um processo de disputas entre os sábios da Hélade ao redor das diversas cidades e territórios. Os principais personagens nesse cenário foram os poetas, como

os compositores das primeiras “didatizações” dos mitos, e depois os sofistas como os que reclassificaram os mitos segundo o discurso e apuraram as técnicas de erística e retórica como práticas de educação política.

Vejam os casos mais notórios desse processo de educação política se devem aos sofistas mais notórios como Lisias, Górgias e é claro o iniciador da prática: Protágoras. Famosos por receber dinheiro em troca da tutela de seus jovens, promovendo uma profunda doutrinação da linguagem e promovendo a possibilidade de que os jovens se tornem politicamente influentes, os sofistas têm na Atenas democrática o espaço para consolidar suas práticas de “Pedagogia do discurso”, atraindo diversos jovens para essas práticas.

Como afirma o professor Markus Figueira da Silva, as individualidades felizes e produtivas da sofística não podem ser ignoradas na História do pensamento. Assim como produtos cada vez mais diversificados, os saberes se diversificaram para atender demandas de mercado, se expandindo para os que pudessem pagar, ao invés de serem restritos apenas a uma elite de nascimento (SILVA, 2004). Vivemos atualmente um paradigma de inclusão muito maior: o do conhecimento para toda a escala do planeta, nos termos de Edgard Morin: uma educação planetária, mas ainda sofremos de problemas que vamos diagnosticar como da relação da sofística no nosso modo de aprender (MORIN, 2000).

Os sofistas seriam defensores da linhagem discursiva, manipulando os discursos através de técnicas da chamada retorque. Platão foi o primeiro a definir os pensadores que tematizaram as artes do discurso como Sofistas, não há uma unidade grupal entre eles. Ao definir sofística, Platão é o primeiro a agir como crítico desse modelo, colocando seu “mestre-personagem” Sócrates como o refutador da sofística em seus diálogos. Essa refutação, no entanto, não é um ato de pura exclusão, sendo a análise dos diálogos platônicos um dos maiores legados descritivos dos modelos de exposição de alguns desses pensadores, principalmente Protágoras. De fato, somos do parecer que Platão constrói sua Filosofia por contraposição e anexação de máximas e princípios de diversas fontes: Parmênides, Pitágoras, Tales de Mileto, Sócrates, Heráclito e Protágoras.

Como é que Platão teria aspectos da cultura sofística em sua descrição filosófica? Lembramos que Platão cria a Filosofia como literatura, tentando abandonar a Filosofia como desmembramento poético apenas. O modelo da Filosofia platônica, ainda em diálogos como uma tragédia teatralizada, passa muitas vezes pela contraposição de opiniões a discutir um assunto. Se há uma discussão de assuntos existe uma tensão/oposição entre as opiniões

versadas nos diálogos e o argumento. Nesse sentido, estamos pensando o argumento platônico como uma demonstração de uma discussão que conduza a revisão dos paradigmas educacionais e com um método de aprendizado/discussão próprio.

Metodologia/Resultados

Nossa discussão não se trata da aplicação concreta de elementos da teoria Sociológico/Histórico/Filosófica sobre a educação, mas sim uma apresentação de modelos antigos de educação que percebemos ativamente como bases do modelo conceitual educacional. Nosso método é analisar através de evidências discursivas, principalmente embasadas no modelo de pensamento de Michel Foucault, como essas relações discursivas permeiam o ato educativo.

Dando um substrato histórico, retomar os elementos presentes desde Werner Jaeger para a questão da evolução da educação grega, usamos a visão arqueológica histórica de Josiah Ober para compreender o processo democrático ateniense pela perspectiva educacional e política da identidade cultural dos indivíduos (OBER, 2008). Precisamos pensar a unidade destes autores como relação de pertencimento em sua cultura e de resposta a questão profunda de quais valores devem ser propagados dentro disso.

Por fim, analisar a partir de um exemplo específico da tradição platônica para esse modelo de ensino da virtude política presente no diálogo Protágoras de Platão, em que essas questões são evidenciadas pela narrativa dramática, aí tendendo a uma visão de análise da argumentação filosófica sobre a questão do aprendizado, como sendo uma questão inata ou de relação do educando com o professor. A essa parte compreendemos como o resultado dessa reflexão, não como um resultado pedagógico, mas como algo que encaminha a pensar a autonomia do processo educacional.

Através desse processo não damos saídas prontas, mas mostramos em que a leitura de um texto grego pode subsidiar na compreensão de problemas que circulam entre os clássicos do pensamento pedagógico, descrevendo uma parte importante do caminho para a edificação dos conceitos.

Discussão

Na História dos pensadores que formaram grande parte das teorias educacionais, muitos sistemas de historicização colocam Rousseau como o primeiro pensador a tematizar a educação como um problema, mas não podemos desconsiderar os moldes do que a tradição filosófica legou para o pensamento educacional. Franco Cambi, nesse sentido nos apresenta uma lucidez ao retomar desde as tradições antigas (CAMBI, 2002). Visando pensar essas bases, vamos tematizar as características do pensamento platônico que fundamentaram o primeiro modelo sistêmico que temos acesso de educação, a chamada Paidéia grega, no diálogo Protágoras. O modelo que o diálogo defende é o da virtude política, sendo esse um modelo que é muito difícil de estabelecer se pode ser ensinado ou não.

A questão sobre o aprendizado é algo que embasa muito das teorias pedagógicas contemporâneas: se é o aluno quem aprende a partir das relações que ele é capaz, sendo o professor um mero intermediário no processo ou se o professor é o responsável por essa passagem do conteúdo ao aluno. A segunda versão tem sido profundamente combatida por diversas vertentes da pedagogia contemporânea e diversas ramificações desse pensamento estão contidas nas teorias da aprendizagem adotadas atualmente, mas é na relação entre esses dois modelos que temos algo em Platão a discutir.

A base de um projeto educacional não pode ser desvinculado nunca da base de reconhecimento do sujeito em sua formação social e individual, não é à toa que Foucault, ao criar as teorias de seu livro a Hermenêutica do Sujeito (2006) começa a analisar o diálogo Alcibíades de Platão, tentando descrever como o indivíduo é performado por diversos discursos de poder que vão consolidando a sua possibilidade de individualidade, como alguém que é perpassado e agente de determinados discursos de ação e interação sociais.

O educando é profundamente político até no modo como aprende, pois, ele dá margem para que determinadas visões de mundo participem dele ou se descrevam a partir dele numa prática social. Os saberes não são neutros, nem despropositados de intenção enunciativa e de redes de poder, mas são o tempo todo formadores de discursos e individualidades. O coletivo não pode ser lido apenas como soma das individualidades, mas como projeto de disputa entre os diversos discursos vigentes na ação histórica (Foucault, 2014).

Em que esse projeto de sujeito que surge pelas relações de poder do conhecer a si mesmo, numa relação dos limites e possibilidades do indivíduo na cidade, tem a ver com a educação? A educação helênica é claramente focada em tentar criar projetos de identidade na

construção de seus sujeitos históricos, a educação era focada nisso. Desde o projeto de A República que Platão faz transparecer uma parte das demandas de Atenas e de certo modo da própria Hélade na construção de Projetos educativos: a proteção e a projeção da cidade pela formação de soldados (guardiões) da causa da cidade.

No próprio diálogo que Foucault toma como base, a educação do político deveria começar por reconhecer a sua cultura matriz para poder intervir nela com coerência e que o político é muitas vezes um ignorante que age em vontade de dominar, sem conhecer nada da grandeza da sociedade a que pretende dominar. Grande parte disso se deve a um projeto de educação para a dominação das massas que surgiu no final do período homérico e foi conhecida por Platão como sofística. Diante do crescimento econômico de Atenas, pós batalha de Salamina, a construção da democracia ateniense atraiu os interesses de diversos setores econômico culturais da hélade para a causa de Atenas, como os famosos metecos. Todo aquele que não pertencia a famílias de mães atenienses (desde legislação criada por Péricles), não poderia ser tido como cidadão de Atenas e não poderia habitar na cidade a menos que pagasse a taxa de metoikia a alguma família de cidadãos de primeira linhagem.

Aqueles estrangeiros que enriqueceram com o comércio são os únicos que vão se interessar por participar a cidade sem desfrutar de grandes relações na política, mas os seus lucros vão fazer com que eles tenham válvulas de escape para exercer domínio entre os cidadãos: fomentar e educar novos líderes da comunidade política. O primeiro caminho é beneficiar família que possam fazer parte da política representativa ateniense, de certa forma criando um campo de aliados, e trazendo formadores para treiná-los na arte de vitória em debates na Ágora. Os especialistas na linguagem serão tomados desde a tradição platônica como os sofistas, sendo os mais famosos Protágoras e Górgias.

Em Paidéia, de Werner Jaëger (1994), esse processo de tradições justapostas através da História Helênica é referenciado como dos filósofos, se sobrepondo aos sofistas e aos poetas. As tradições educativas, portanto, não são compostas por complementaridades, mas assim como na teoria dos paradigmas científicos de Thomas Kuhn (KUHN, 2012), as teorias educacionais, mesmo em sua origem, surgem enquanto rivais que vão se sobrepondo as teorias mais antigas. O critério não é necessariamente de ancianidade, mas de mudanças na visão estético política dos influenciadores daquele momento histórico.

Os discursos de poder que se encontram expressos nos diálogos platônicos são um demonstrativo destes processos de assimilação de elementos de uma tradição para a outra,

mas principalmente de embates, no ramo do discurso, conhecidos como erística pelos sofistas. O próprio processo democrático favorece isso ao desenvolver uma praxe de representatividade mais próxima da universal, obrigando todos os indivíduos a se tornarem a cada instante mais participantes do seu processo de gestão e pensamento sobre os revezes que condicionam sua vida política. Josiah Ober detalha exatamente que esse processo democrático é algo que deve ser entendido especificamente como tecnologia política, e como tal nós somos do parecer que essas tecnologias políticas, ainda em estado de implementação, foram testadas e reformuladas pelos filósofos gregos, adequando-as aos princípios da lógica e da ética (OBER, 2008).

Longe de defendermos uma Grécia Antiga como construtora do plano de igualdade nos homens, ela nos serve para ver as divergências das teorias que defendemos e que estão presentes dentro da construção discursiva dos filósofos, dado que mesmo seguindo os princípios da lógica e da ética, Aristóteles era conhecido notoriamente por defender a inferioridade da mulher. Por isso, a educação grega não pode ser tomada no sentido freireano (FREIRE, 1997), de educação emancipatória, pois antes de tudo ela é resultado dos problemas que a sua sociedade vivencia e reflete como valores do que deve constar dentro da estrutura curricular e da proposta de juventude.

Notemos que a política está intrinsecamente ligada ao plano de educação, pois as ações políticas são educativas, no sentido que tendem a ordenar as massas em sentido de orientação, informação, estratégias de uso e concepções de mundo. A política ateniense é, por essa via, um microcosmo da relação que podemos estabelecer com o mundo contemporâneo, de como a política luta para se arvorar na educação, criando asseclas e desnordeando as alternativas para um pensamento emancipatório. Daí percebermos que todo o processo educativo existe com a finalidade de passar, no limite do que o sistema consegue desenvolver, uma ideia de completude próxima da ideia de Paidéia através de um currículo. Quando o sistema não reconhece as matrizes de seu currículo, se deixa levar por discursos os quais desconhece o valor ou as características.

Em vários diálogos Platão escreve seu personagem Sócrates debatendo com os personagens sofistas para discutir aspectos da educação sofística, mas ficaremos aqui concentrados nas lições do embate com o primeiro grande Sofista: Protágoras, descrito inicialmente no diálogo homônimo ao sofista: Protágoras.

A maior questão deste projeto educacional do diálogo Protágoras, ao nosso ver, está exatamente na questão de saber se os indivíduos aprendem pela natureza deles, que desvela as características que estão em suas almas, ou na educação que toma o aluno como tábula rasa de um mestre que é capaz de ensinar qualquer coisa a qualquer um. Os desdobramentos do diálogo tendem a mostrar diversas nuances entre esses dois processos, mas eles todos se iniciam com a vontade de um rapaz em ser instruído pelo sofista: Hipócrates.

Quando Hipócrates revela a Sócrates que tem interesse em aprender o que o sofista apresenta Sócrates retruca se Hipócrates sabe a quem ele está entregando a alma. Temos que pensar que o processo educativo helênico é maior do que uma educação laica, compreende uma iniciação religiosa, esportiva, intelectual, enfim... um projeto de educação integral do indivíduo. Antes da formação precisa no vocabulário, o termo mente e o termo alma derivam de uma mesma acepção, que podemos traduzir como espírito.

Assim que eles são apresentados a Protágoras, inicia-se a defesa do argumento de que o sofista é capaz de ensinar a qualquer um a assumir conhecimento sobre toda as virtudes da via política, o saber de Protágoras se pretende diferente: a boa deliberação sobre assuntos públicos e privados, a *eubolia*. Sócrates emblematicamente responde: “Creio que se refere a arte política e promete tornar os homens bons cidadãos (Protágoras, 319 a) Essa passagem é o início da descrição dos saberes sofísticos e acompanhada de intensa discordância de Sócrates, que começa a lançar diversas alegorias profissionais (flautista, escultor e outras) para mostrar os sentidos de esvaziamento do discurso sofístico.

Sócrates é um entusiasta de que o conhecimento se dá pelo despertar das tendências dos indivíduos, numa via de que nem todos os indivíduos tem acesso a virtude através do ensino. Dentro do jogo das diversas tradições da Atenas Clássica que serão elencadas nesse processo, é quando Sócrates cita a tradição dos sete sábios antigos que a tônica do diálogo muda drasticamente. Na passagem 343a, Sócrates cita quais seriam os sete sábios segundo a versão deste diálogo platônico. A escolha dos sábios demonstra uma vinculação religiosa e de profundo respeito pela democracia, da parte do Sócrates platônico, nos fazendo pensar o quanto essa lista de Platão é uma tentativa de compor uma pedagogia das tradições helênicas. Os sete sábios são de prisma lacônico, falando com o máximo de exatidão que a linguagem pode conceder, esses sábios são incluídos na alegoria platônica a Tradição do Oráculo de Delfos, como defensores das máximas délficas.

O que mais nos chama atenção é que a partir desse trecho Protágoras entra em crise de não conseguir sustentar seus argumentos, dado que citar os sábios antigos é falar dos primeiros pensadores que criaram um sistema de mensuração das causas naturais, defendendo a citação de Pítaco no poema de Simônides. Essa mensuração dos diversos fatores é reconhecida como *métron*, e esse *métron* é a realização de um processo de equivalências e ambivalências no mundo antigo. A poesia tem seu *métron*, os produtos que são comprados têm seu *métron* e também a vida, na interpretação que temos deste diálogo. Quando a vida é embutida dessa *metrétike*, quando uma arte da medida é pensada como saída para se chegar a entender como os homens chegam a virtude, os interlocutores chegam a um acordo teórico complexo.

Conclusões

A principal conclusão é que a partir de um processo de diálogo sobre como se adquire a virtude, o diálogo Protágoras nos dá luz a uma experiência de mudança de opiniões entre seus principais interlocutores: Sócrates e Protágoras. Essas mudanças tendem a estabelecer que se aprende ou adquire a virtude a partir de uma relação individual, em que cada indivíduo tem sua própria forma de estabelecer isso de acordo com as metréticas que são utilizadas.

O modelo de saber do diálogo que vence no final está mais para um via relativista, mas que não é a visão nem de um e nem de outro, dado que os dois terminam o diálogo em um acordo silencioso. Mas a educação que é entendida por eles é uma representação dessa natureza ambígua, entre as tendências que os indivíduos manifestam e as estratégias que eles são acometidos para fazerem aflorar essas tendências.

O texto platônico não desconfigura o papel da ideia de um intermediário na educação, mas não desqualifica os termos do que são as tendências que os indivíduos tem para aprender e se desenvolverem. Mais do que isso, o diálogo demarca a preocupação ao redor de quais saberes são marcantes na formação do indivíduo, sendo um conjunto de escolhas de sua vivência social.

Por isso pensamos a questão pela via foucaultiana, como uma criação de subjetividades a partir das estratégias de poder, a educação não está desatrelada das estratégias e jogos de poder subjacentes ao educando, a sociedade e ao educador. Vemos que o exemplo grego do diálogo Protágoras insere parte do que poderíamos conceituar como a educação

paidêutica de forma mais clara: uma educação integral. Pensar o problema da educação é pensar o contexto das ideias que formam o educando e que agem no processo educativo, na extensão do projeto educacional que se quer ter e na intensa complexidade de fatores que devemos ter na construção dos envolvidos no processo educativo.

Como resposta a intensa pergunta de como a paidéia grega se desenvolveu, pensar essas estratégias de educação estão presentes, como pensamento da unidade das virtudes, como na tese de Feitosa de 2006, como na educação ou no ensino de *Areté*, no trabalho de Curado de 2010. Avaliamos que vários trabalhos sobre o diálogo Protágoras em educação tendem a trazer essa tônica de um problema vivo a ser criado, de uma prática pedagógica que se revolucione ao se pautar, no mundo simbólico dos alunos, numa aparente alusão ao modelo de Vigotsky e suas ZDP's, valorizando os limites dos educandos nas potencialidades que eles possuem em seus limites, numa aparente releitura tendenciosa de Piaget, mas tentando conciliar ambas de modo muito próprio.

Ler a tradição platônica nos faz ver o quanto as questões históricas por traz da educação parecem passar pelos mesmos paradigmas, mas a cada novo tempo com um maior rebuscamento e encontro com finalidades sociais específicas, as demandas de cada época. Mas não é por isso que devemos ignorar o substrato que a visão dos mais antigos podem nos dar, conciliando teorias que pareceriam inconciliáveis e dando margem para reinterpretarmos nossos paradigmas educacionais.

Referências

- CAMBI, FRANCO. **História da Pedagogia**. Trad. Álvaro Lorencini 1. Ed. São Carlos: Unesp, 2002.
- CURADO, Eliana B. F.. **O movimento Sofista e o ensino da Arete**. Doutorado defendido na UFG em 2010.
- FEITOSA, M. L. Zoraida. **A questão da unidade e do ensino das virtudes em Platão**. Tese de doutorado defendida em 2006 na USP. São Paulo.
- FOUCAULT, Michel. **A hermêutica do sujeito**. Trad. Márcio Alves da Fonseca; Salma Tannus Muchail. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- _____. **Microfísica do Poder**. Org. Roberto machado. 7.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

JAEGER, Werner Wilhelm. **Paidéia**: A formação do homem grego. Trad. Artur M. Parreira. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das Revoluções Científicas**. Trad. Paulo Aukar. Santa Maria, 2012.

MORIN, Edgard. **Os sete saberes necessários da educação do futuro**. Trad, Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 2.ed. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2000.

OBER, Josiah. **Democracy and Knowledge**: Innovation and Learning in Classical Athens. New Jersey: Princenton university Press, 2008.

PLATÃO. **O Protágoras**. Trad. Eleazar Magalhães Teixeira. Fortaleza: Edições UFC, Banco do Nordeste, 1987.

SILVA, Markus Figueira da. Sedução e Persuasão: os “deliciosos” perigos da sofística. **Cadernos Cedes**: A Filosofia e seu ensino, v. 24, n.64, dez. 2004.